

## **A PROPÓSITO DA NOÇÃO DE INTELECTUAL QUE SE PODE INTUIR DA NOÇÃO GRAMSCIANA DE “LORIANISMO”**

*Anita Helena Schlesener*<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Paraná UFPR/PR

### Introdução

Leonardo sabia encontrar o número em todas as manifestações da vida cósmica, mesmo quando os olhos profanos não viam mais que arbítrio e desordem (GRAMSCI, 1978, p. 332).

Uma das questões que tem aflorado nos debates educacionais que pretendem firmar-se no pensamento de Gramsci é a do significado de intelectual e, mais precisamente, como se poderia entender o sentido de “intelectual orgânico”, a fim de transpor para uma leitura de nossa realidade educacional e entender melhor a ação de intelectuais que, no âmbito das relações sociais vigentes, exercem um trabalho crítico e militante. Poucos se dão conta que podemos encontrar nos escritos de Gramsci um outro significado de intelectual que, quem sabe, pudesse servir melhor para definir certa atividade educacional que exerce uma função política para a conservação, sem que estes atores se deem conta que contribuem para tanto.

De nossa perspectiva, a questão dos intelectuais é de suma importância no contexto das relações de hegemonia e percorre todos os escritos de Gramsci encaminhando-se para a sua intenção de elaborar uma história dos intelectuais, projeto frustrado no cárcere pela dimensão que tal projeto assumia no âmbito da história italiana e também pelos limites impostos pela vida carcerária. Uma das afirmações de Gramsci que consideramos revolucionária é a que diz que todos são intelectuais, pressuposto para se considerar possível uma sociedade que tenha por base a participação coletiva nas decisões políticas, ou seja, a afirmação de que qualquer um tem a capacidade de se tornar dirigente e é importante que esta participação efetivamente se realize.

Se todos são intelectuais, embora apenas alguns exerçam esta função no contexto das relações de hegemonia, cabe entender as várias nuances que esta atividade assume no contexto da sociedade burguesa. Muito já se escreveu sobre os intelectuais na leitura de Gramsci, mas pouco sobre o que o político sardo pensava do intelectual diletante, aquele

---

<sup>1</sup> Professora de filosofia política e de estética da UFPR; atualmente docente do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da UTP de Curitiba; Pós-doutorado em Educação na UNICAMP.

que ele denomina “aventureiro”, pedante, sem muito rigor no que diz e no que escreve e que, no âmbito do movimento operário, pode disseminar desordem, desarrumação no próprio movimento organizativo das classes trabalhadoras.

A questão que nos colocamos neste artigo, a formação dos intelectuais e sua ação junto às classes trabalhadoras, tem como objetivo retomar alguns pontos da crítica gramsciana a Achille Loria (1857-1943), referenciado em alguns artigos da fase de militância política e em observações cortantes em fragmentos dos Cadernos do Cárcere, culminando no Caderno 28, com a denominação criada pelo próprio político sardo, o lorianismo, para designar uma determinada categoria de intelectual, comum na sociedade burguesa italiana. Nossa leitura se funda essencialmente nos escritos de Gramsci, visto não termos em mãos nenhum comentador que aborde este assunto.

A primeira parte desta reflexão retoma os artigos referentes a Loria do período de 1915 a 1926, pontuando a crítica no sentido de mostrar as confusões teóricas de Loria e como suas manifestações políticas atuam no interior do movimento socialista diluindo a luta de classes. Gramsci se refere reiteradamente a Loria de forma irônica e até sarcástica não apenas para mostrar a sua ausência de rigor científico como intelectual e político mas para evidenciar como Loria atua negativamente na formação dos trabalhadores semeando a confusão e a mistificação quanto ao materialismo histórico.

A segunda parte mostra como Gramsci não abandona o assunto nos Cadernos do Cárcere, mas o amplia, articulando-o com a crítica aos intelectuais italianos. A atuação do intelectual medíocre, chegando ao ponto de ser grotesco, se vincula à estratégia de dominação burguesa, que forma uma elite de intelectuais desligados e distantes dos problemas das classes populares. Conforme os escritos carcerários, seguimos a sequência dos Cadernos para mostrar como algumas críticas dos escritos políticos são retomadas e outras são feitas a partir de novas manifestações de Loria como senador. Em seguida tomamos como base de nossa leitura o Caderno 28, onde se coloca o novo conceito de “lorianismo”. Fica evidenciado que a atitude superficial de Loria torna-se uma prática difusa entre alguns intelectuais, resultado de vários fatores, entre eles a mescla de positivismo e evolucionismo na leitura do materialismo histórico. Esclarece-se ainda como esta atitude desemboca em políticas reacionárias como o fascismo.

Concluimos tentando mostrar como este tema é importante neste momento obscuro que estamos vivendo em nossa política, em processo de crise hegemônica e institucional, ainda sem alternativa possível, visto que não se tem perspectiva de mudanças estruturais.

Salientamos ainda que se trata de uma primeira leitura introdutória, que pretendemos aprofundar em trabalhos futuros.

Achille Loria na leitura de Gramsci nos Escritos Políticos:

Loria foi docente universitário e teve alguma expressão política no cenário italiano ocupando uma cadeira no senado e visto ser lembrado por alguns dirigentes do Partido Socialista Italiano, como Filippo Turati e Enrico Ferri e criticado por outros intelectuais de peso como Antonio Labriola e o próprio Engels. Considerando seus escritos,<sup>2</sup> seu pensamento parece se encaminhar para um sincretismo entre positivismo, evolucionismo, pensamento econômico liberal e marxismo, que torna seu pensamento confuso, mesmo nas interlocuções que pretende estabelecer com o texto de Marx.

Ora estes nuances não passam despercebidos ao jovem sardo que se inicia na militância política e se dedica a um trabalho disciplinado de estudos das ideias políticas de sua época. A primeira observação de Gramsci sobre Loria aparece em 1915, no “Avanti!”, com o título: *Pietà per la Scienza del Prof. Loria*. Gramsci inicia um ataque ao intelectual que ele entende ser uma fraude, parte de um grupo mais amplo que Gramsci denomina “vulgares embusteiros intelectuais” (GRAMSCI, CT., p. 33). O sarcasmo de Gramsci ante as expressões esdrúxulas de Loria tem o objetivo de combater uma certa interpretação do materialismo histórico totalmente estranha à teoria de Marx e de Engels.

Achille Loria é merecidamente célebre em todo o globo terrestre por algumas de suas descobertas que muito contribuíram para o progresso da civilização. Iniciou sua carreira de estudioso estabelecendo com férrea lei as interdependências fatais entre o misticismo e a sífilis, publicou estudos severos sobre a sua interpretação particular do materialismo histórico (fazendo rir muito a Antonio Labriola, Friedrich Engels e B. Croce, mas se sabe que muitos são os invejosos, que denigrem quem primeiro doa aos homens qualquer nova descoberta) (GRAMSCI, CT., p. 33).

Aqui se tem clareza que Gramsci retoma uma polêmica sobre o materialismo histórico que envolvia os grandes teóricos de marxismo e que o jovem sardo pretendia retomar e ampliar. A questão central era de como as interpretações de Loria debilitavam o movimento

---

<sup>2</sup> Tenho em mãos uma edição de 1922 do livro *I Fondamenti Scientifici della Riforma Economica*, que me foi apresentado por um aluno de um dos Cursos sobre Gramsci que ministrei e que, em linhas gerais, se me apresenta como um texto reformista, com evocações evolucionistas, centrado em um projeto de “renovação social, inderrogável a partir das lacerações profundas que a guerra infligiu à economia das nações” (Prefácio).

operário socialista, em especial a juventude universitária que se vinculava ao movimento.

As alfinetadas gramscianas retornam em um artigo de 1916, publicado em *Il Grido del Popolo* com o título: *Parole! Parole! Parole!*, onde ironiza aqueles que participam da “intensa propaganda bélica”, muitas vezes contraditória e simplificada; são intelectuais que se dedicam à “preparação cívica” para converter os ouvintes “à ordem de ideias predominante na vida política”. Neste caminho, “Loria já havia ‘cientificizado’ a neutralidade da ‘imensa tribo de tolos’ com a tese da depressão da renda, causa principal da guerra que exagera e confunde todas as outras responsabilidades” (GRAMSCI, CT., p. 158). Ou seja, Achille Loria é o exemplo de superficialidade e arrogância intelectual, que atua para confundir a juventude universitária.

Em 1917, novamente Loria torna-se objeto da crítica de Gramsci, a propósito de um seu artigo na *Gazzetta del Popolo*: sempre com ironia, mostrando as contradições e confusões de Loria, o jovem sardo acentua: trata-se de “um fervoroso apelo aos trabalhadores ‘irmãos caríssimos’, para que se tornem bons filhos, se convertam à religião do bom coração, esqueçam os rancores”, ou seja, de um discurso mistificador que dilui e mascara o conflito de classes. “Achille Loria começa, seriamente, a nausear-nos com todo este açucarado vapor que emana de seus escritos”. Loria, já há algum tempo, “está morto para o pensamento e a inteligência”. (GRAMSCI, SG., p. 112-114).

De 1918 temos dois artigos: um de janeiro, intitulado *Aquille Loria*, que aborda mais uma vez as contradições do autor, muito estimado entre os trabalhadores e ainda com alguma representação no movimento socialista italiano, “embora ele não seja mais tomado a sério por ninguém”. O rude golpe que lhe lançou “Engels em 1895, quando fez conhecer aos leitores o terceiro livro de O Capital”, ficaram claros os “plágios das ideias de Marx” que Loria havia feito (GRAMSCI, CF., p. 573-574). Apesar desta divulgação pública, Gramsci acentua:

Lendo os escritos de Achille Loria, quem tem um aguçado senso de crítica, se pergunta se ele é um louco melancólico ou um homem genial. Porque em Loria tem um e outro. Cintilações de luz e escuridão idiota, trabalho consciencioso e estupidez incrivelmente profunda. Em seu pensamento falta toda congruência; a autocrítica é negada ao seu raciocínio desorganizado (GRAMSCI, CF., p. 574).

Gramsci continua a salientar as simplificações teóricas de Loria neste extenso artigo, tanto nos seus escritos quanto em palestras e conversações das quais Loria participa.

Dez dias depois, no artigo *Achille Loria e o socialismo* (29/01/1918), Gramsci se refere ao afastamento de Loria do movimento socialista, que Loria denomina seita. E Gramsci diz: “finalmente se decidiu”. Uma “moeda ruim faz fugir as moedas boas”. Loria era uma destas “moedas ruins, que circulava”, colocando em fuga as “moedas boas”. Dele foram “uma grande quantidade de afirmações pseudocientíficas” que circularam no nosso movimento e que são tão difíceis de superar (GRAMSCI, CF., p. 614).

Em setembro de 1918, um novo artigo de Gramsci destrói literalmente a figura de Loria: o define como “um motor em combustão com o escapamento sempre aberto”. Loria se entende como:

...o descobridor de todas as descobertas, o teórico de todas as teorias, o mergulhador incansável que, do oceano assustador de todos os mistérios humanos, traz as cintilantes e preciosas pérolas do conhecimento e da sabedoria; o motor da sua sublime inteligência detona com ritmo harmonioso e perene e não exala fumaça do escapamento, mas (oh milagre!) luz maravilhosa para mostrar o caminho aos humanos na tempestade da história (GRAMSCI, SM., p. 437).

O empenho de Gramsci em mostrar os limites teóricos de Loria se vinculam à sua influência no interior do Partido Socialista Italiano e ao modo como as suas teorias mistificavam a luta de classes junto aos estudantes universitários, o que fazia de Loria um dos grandes responsáveis pelo reformismo no interior do movimento socialista italiano.

O embate se desdobra em outros artigos, como *Os critérios da vulgaridade*, também de 1918, onde Gramsci rebate a acusação feita por Giuseppe Prato de que Loria tem sofrido ataques jornalísticos vulgares esclarecendo, como lhe agrada, o conceito “vulgaridade”. E afirma: em outra ocasião, “catalogamos as provas da trivialidade espiritual do Prof. Achille Loria. Que podemos fazer se o Prof. Loria esquece tão fácil e frequentemente a seriedade própria dos estudiosos e entusiastas?” Como levar a sério alguém que aproxima Dante de Marx, *O Capital* de *A Divina Comédia*, justificando a aproximação pelo fato de que tanto Dante quanto Marx escreveram seus textos no exílio? “Esta é simplesmente uma vulgaridade, uma trivialidade, como descobrir que Bertoldo e Carlos Magno eram semelhantes porque ambos tinham um nariz e duas pernas”, ou que “o cão é semelhante ao cisne porque ambos os nomes começam com c” (GRAMSCI, CF., p. 769).

A partir destas observações Gramsci define o intelectual vulgar ou medíocre: “continuaremos a chamar vulgares os homens quando estes agem vulgarmente, quando manifestam um pensamento vulgar, mesmo se exprimem o pensamento de forma elegante

(e esta elegância é somente aparência vistosa, nem sequer arte)” (GRAMSCI, CF., p. 770). Esta questão é importante para se entender algumas causas do distanciamento entre intelectuais e massas. Nos Cadernos do Cárcere Gramsci retoma em vários momentos esta questão para mostrar que os intelectuais das classes trabalhadoras precisam ter uma dimensão do coletivo e articular teoria e prática. Os intelectuais medíocres que ele aqui descreve conseguem obscurecer em vez de esclarecer os movimentos de massa, ou porque não dominam a teoria ou porque não entendem sua posição na luta de classes ou, ainda, porque partem de saída de uma posição de elite (são medíocres e arrogantes).

Ainda em 1918, no artigo *Bolscevismo intellettuale*, Gramsci acentua que os “cientistas (tipo Achille Loria e Giuseppe Prato) operam sobre a opinião pública não tanto pela verdade que possam dizer, quanto pela autoridade genérica da qual são circundados como os santos do limbo”. A liberdade de expressão e de imprensa são importantes para confrontar as ideias e “destruir o servilismo no que diz respeito à autoridade como tal” (GRAMSCI, NM., p. 23).

Depois de 1918, a referência a Achille Loria reaparece apenas em um artigo de 1922, a propósito de *Classicismo e Romantismo*: Marx seria um clássico ou um romântico? “A questão confundiu muitos imbecis: Achille Loria confessa ter permanecido em dúvida por um bom tempo”. Gramsci procura mostrar como esta questão é abstrata e supérflua, própria de intelectuais que não consideram que o essencial na atividade de Marx foi o modo como ele articulou teoria e prática buscando esclarecer as contradições reais (GRAMSCI, SF., p. 446).

Trata-se de mostrar como intelectuais como Enrico Ferri, Guglielmo Ferrero, Achille Loria, Paolo Orano, Benito Mussolini...” que Gramsci denomina “aventureiros da caneta”, “marxistas” do Partido Socialista que contribuíram para gerar enormes confusões teóricas entre o proletariado italiano (GRAMSCI, CPC., p. 55), transformando o materialismo histórico e a própria história “na coisa mais simples deste mundo” (GRAMSCI, CPC., p. 336).

O último ataque direto a Loria, então senador, aparece em 1926, no artigo *Un avventuriero della scienza*, publicado no jornal Unità: Gramsci o denomina pseudocientista, que “há mais de trinta anos dava a entender de ser o ‘inventor’ da teoria do materialismo histórico”, acusado por Engels como um “plagiador e um falsário”, fazendo-se passar ainda por “sociólogo”. E Gramsci cita dois parágrafos dos escritos de Loria para mostrar o quanto

são risíveis as suas deduções científicas (GRAMSCI, CPC., p. 422-423).

Esta posição se ameniza nos Cadernos do Cárcere, a fim de mostrar que não se trata de um ataque individual, mas de explicitar a função destes intelectuais junto ao movimento operário e como as manifestações reformistas ou os equívocos teóricos podem confundir e atrasar o processo de organização revolucionária.

Achille Loria em alguns fragmentos dos Cadernos do Cárcere:

Seguimos a sequência dos Cadernos para mostrar como algumas críticas dos escritos políticos são retomadas e outras são feitas a partir de novas manifestações de Loria que Gramsci encontra nos jornais da época. Já no Caderno 1 Gramsci parece fazer um roteiro de estudo sobre as “principais estranhezas” de Achille Loria, elencando vários artigos e documentos a aprofundar. Seu interesse está em que “Loria não é um caso anormal individual: é o exemplar mais completo e terminado de uma série de representantes de um certo estrato intelectual de um certo período”, ou seja, de “intelectuais positivistas que se ocupam da questão operária” e que acreditam em poder “aprofundar, corrigir ou superar o marxismo” (Q. 1, p. 22-22).

A questão política perpassa a preocupação de Gramsci com a atividade de Loria e implica fazer frente ao positivismo em suas mais variadas formas, como em outro ponto combatido por Gramsci, que é a concepção geral de “instrumento técnico”, tratado no Caderno 4 e retomado no Caderno 11: conforme Croce, referindo-se ao Prefácio de *A Crítica da Economia Política*, “foi precisamente Loria, ao que parece, o primeiro a substituir arbitrariamente a expressão ‘forças materiais de produção’ e ‘conjunto das relações sociais’ pela expressão ‘instrumento técnico’”. Esta colocação de Loria é retomada no Ensaio Popular de Bukharin (manual difundido nos cursos de formação da classe trabalhadora.), de um modo ainda mais superficial que o de Loria, (Q. 11, p. 1439). No Caderno 4 Gramsci acentua que esta leitura de Loria foi repetida no seu artigo sobre a *Influência social do aeroplano* e que Croce salienta que Marx “colocou em relevo a importância histórica das invenções técnicas”, mas nunca “sequer sonhou em fazer do ‘instrumento técnico’ a causa única e suprema do desenvolvimento econômico” (Q. 4, p. 440). Os equívocos de Loria,

“divulgador de uma derivação deteriorada da filosofia da praxis”, também se repetem nos escritos de Luigi Einaudi, que “parece que não estudou diretamente as obras de Economia crítica e de filosofia da praxis” e, a partir da ideia de instrumento técnico de Loria, “confunde o desenvolvimento do instrumento técnico com o desenvolvimento das forças econômicas” (Q. 10, p. 1289-1290); ou seja, Gramsci tenta mostrar como uma leitura equivocada pode ampliar infinitamente os problemas de interpretação.

No Caderno 10 encontramos uma relação interessante entre Croce e Loria: para Gramsci, não existe uma diferença muito grande entre ambos no modo de interpretar a filosofia da praxis. “Croce, reduzindo a filosofia da praxis a um cânone prático de interpretação histórica” e chamando a atenção para os fatos econômicos, “não fez mais que reduzi-la a uma forma de ‘economicismo’”. Quanto a Loria, se se coloca a parte suas “bizarrices estilísticas e fantasmagorias desenfreadas”, percebe-se que “ele se aproxima de Croce no núcleo mais sério de sua interpretação” (Q. 10, p. 1236).

Estas observações nos mostram que a crítica a Loria insere-se no conjunto da crítica gramsciana a um dos revisionismos de Marx, iniciada no mesmo Caderno 4, onde Gramsci acentua que se trata de enfrentar um tema que foi descuidado pelos marxistas, o de fazer a crítica ao “duplo revisionismo de Marx”:

O marxismo foi um momento da cultura moderna: em certa medida, determinou e fecundou algumas correntes. O estudo deste fenômeno muito importante e significativo foi descuidado e completamente ignorado pelos marxistas “oficiais” por esta razão: ele teve a mediação da filosofia idealista o que, para os marxistas ligados essencialmente aa corrente particular de cultura do ultimo quarto de século (positivismo, cientificismo) parece um contrassenso (Q. 4, p. 421).

Esta dupla revisão do marxismo com “alguns de seus elementos, explícita ou implicitamente, absorvidos, de um lado, por algumas correntes idealistas” e, de outro, com a tentativa dos “marxistas ‘oficiais’ preocupados em procurar uma “filosofia” que contivesse o marxismo” a partir de seus aportes teóricos positivistas ou evolucionistas (Q. 4, p. 423), deixou marcas profundas no movimento operário, com traços de reformismo e outras confusões teóricas como as de Achille Loria e seus seguidores.

Mas a questão mais importante que Gramsci coloca é “por que também os marxistas oficiais ‘combinaram’ o marxismo com uma filosofia não marxista?” E tenta responder: “parece que a razão histórica se deve buscar no fato que o marxismo precisou aliar-se com tendências estranhas para combater os resíduos do mundo pré-capitalista nas massas

populares”. Conforme Sorel, o “marxismo teria duas tarefas: combater as ideologias modernas na sua forma mais refinada e esclarecer as massas populares, cuja cultura era medieval”. Para realizar esta segunda tarefa, a mais importante, o “marxismo se confundiu com uma forma de cultura um pouco superior à mentalidade popular, mas inadequada para combater as outras ideologias das classes cultas” (Q. 4, p. 422).

Para a questão que nos colocamos neste artigo, a formação dos intelectuais e sua ação junto às classes trabalhadoras, esta reflexão sobre o duplo revisionismo de Marx é esclarecedora. “Muitos materialistas históricos refizeram para Marx aquilo que foi feito para Hegel, isto é, da unidade dialética retornaram ao materialismo cru”; a “alta cultura moderna, idealista vulgar, procurou incorporar aquilo que do marxismo lhes era indispensável (...)” (Q. 4, p. 424). Para compreender este duplo movimento se fazia necessário retomar a dialética para elevar a cultura popular ao grau mais elevado da cultura mundial. Para tanto, se fazia urgente criticar as interpretações que mesclaram positivismo, evolucionismo e marxismo num sincretismo desorganizador do pensamento das massas.

Notas sobre o Lorianismo a partir do Caderno 28:

O neologismo lorianismo designa um tipo de intelectual que prima pelo sincretismo, assim como Achille Loria, que “não é um caso de anormalidade individual, mas o exemplo de uma série de representantes” de uma certa elite que caracterizou a cultura italiana de um certo período: “em geral, são intelectuais positivistas que se ocupam da questão operária”, mesclando o marxismo com outras teorias. Resultam de uma distância histórica entre intelectuais e povo, que caracterizou a vida cultural italiana; “é um caráter de certa produção literária e científica” da Itália, “vinculada a uma frágil organização da cultura”, que resulta e “falta de controle e de crítica” (Q. 1, p. 22).

No Caderno 28, que reescreve e aprofunda alguns fragmentos dos cadernos anteriores, esta definição é retomada e explicitada: trata-se de “alguns aspectos obsoletos e bizarros da mentalidade de um grupo de intelectuais italianos e, portanto, da cultura nacional”, que se traduzem em “desorganicidade, ausência de espírito crítico sistemático, descuido no desenvolvimento da atividade científica, ausência de centralização cultural, moleza e indulgência ética no campo da atividade científica e cultural”, enfim, “irresponsabilidade em relação à formação da cultura nacional” (Q 28, p. 2321).

Em linhas gerais, o lorianismo se refere a intelectuais que não são rigorosos em suas pesquisas e em seus argumentos, nem quanto ao método e nem quanto à ética. Visam o sucesso e, para isso, recorrem ao diletantismo, sem preocupação com as evidências históricas ou mesmo com a veracidade dos fatos. São vários os exemplos que Gramsci retira dos escritos de Loria, mas também de outros como Einaudi, Enrico Ferri, Lombroso, Paolo Orano e outros.<sup>3</sup> Notas que aparecem em Cadernos anteriores, que assinalam a intenção de elaborar um projeto de pesquisa sobre o tema da inconsistência teórica e a ausência de rigor científico de um grupo de intelectuais italianos.

Esta questão evidencia sua importância quando a vinculamos com a questão política: para Gramsci, um intelectual é sempre um político, não importa se tenha clareza ou não de suas posições; elas repercutem no processo educativo da sociedade e atuam para conservar ou superar determinadas relações de hegemonia. Por isso o tema do lorianismo toma uma dimensão nacional nos escritos de Gramsci, como fonte que revela não apenas o distanciamento entre intelectuais e povo, mas uma grave inconsistência teórica de uma parcela dos intelectuais italianos engajados no movimento socialista e que gera confusão entre os ouvintes, prejudica e mesmo obstaculiza o processo de organização política das massas.

O primeiro parágrafo do Caderno 28 retoma do Caderno 1 a relação bibliográfica de Loria publicada por Einaudi em 1932 (*Bibliografia de Achille Loria* - um compêndio com a referência de 884 trabalhos), ampliando-a com comentários que parecem ser uma preparação para o projeto de uma História dos intelectuais. Um artigo apresentado a um evento em Trieste, cidade na qual Loria era considerado um “exponente ‘ilustre’ da ciência italiana”, não foi inserido nas Atas por sua “ridícula insuficiência”. Publicado mais tarde no semanário literário *Il Palvese*, “expõe um aspecto (linguístico) da doutrina loriana sobre a influência da ‘altimetria’ no desenvolvimento da civilização”, fato que Gramsci considera uma demonstração do “espírito de sistema e uma certa coerência” de Loria e que suas “‘bizarrices’ não são casuais ou devidas a seu diletantismo improvisador, mas correspondem a um substrato ‘cultural’ que aflora continuamente” (Q. 28, p. 2323). Ou seja, apesar das coisas esdrúxulas, dos delírios, das estranhezas, “parece haver uma continuidade sistemática

---

<sup>3</sup> Entendemos que este tema é importante na realidade brasileira, quando as pesquisas são feitas para cumprir o tempo restrito de um Mestrado ou Doutorado e recorrem a informações superficiais que abundam nos meios de comunicação, citam textos recortando de um contexto mais amplo e significativo, de modo que as citações e paráfrases, muitas vezes, acabam dizendo quase o contrário do que o autor escreveu. Temos muitos discípulos de Loria no Brasil: confusos, ecléticos, que fazem um sincretismo como este que Gramsci descreve.

que acompanha toda a sua carreira literária”. Aqui e ali existe um “nexo de pensamento”. Não falta a Loria a pretensão à “originalidade a qualquer custo”, o que se manifesta em seu oportunismo (Q. 28, p. 2324-2325).

Na sequência Gramsci assinala um tema que já havia abordado em artigo de 1917, *La scala d'oro di Achille Loria*, sobre a fraternidade e a equidade universal, a paz, a justiça e o amor, a serem alcançados gradativamente pelo esforço de todos, como se se estivesse construindo uma escada de ouro (GRAMSCI, SG., 112-114). Fica difícil entender como estas ideias se articulam com um projeto socialista, tendo-se em conta que Loria tinha influência sobre o PSI, embora suas publicações se tornem cada vez mais frequentes em jornais conservadores e mesmo reacionários. São estas contradições que Gramsci resalta na atividade intelectual dos lorianos, a fim de explicitar as relações entre intelectuais e povo na realidade italiana. Esta questão se aprofunda na sua dimensão política e ideológica:

Deve-se notar que cada período tem seu lorianismo mais ou menos completo e perfeito e cada país tem o seu: o hitlerismo mostrou que na Alemanha germinava, sob o aparente domínio de um grupo intelectual sério, um lorianismo monstruoso que rompeu a crosta oficial e se difundiu como concepção e método científico de uma nova ‘oficialidade’. Que Loria pudesse existir, escrever, elucubrar, imprimir por sua conta livros, nada de estranho: existem sempre os descobridores do movimento perpétuo e os párocos que imprimem continuações da *Gerusalemme Liberata*. Mas que eles se tornem um pilar da cultura, um “mestre” e que tenham encontrado “espontaneamente” um grande público, é o que nos faz refletir sobre a debilidade, mesmo em tempos normais, dos bloqueios críticos que, entretanto, existiam (Q. 28, p. 2326).

Gramsci se pergunta, aqui, sobre como, de um pensamento desarticulado e superficial como o de Loria, pode surgir, mesmo “em tempos anormais, uma paixão descontrolada” que descambe em um movimento reacionário, ou seja, como a superficialidade de um intelectual oportunista pode “ser apoiada por forças interessadas”, fazendo transbordar esta obscura paixão desenfreada (Q 28, p. 2326).

“Somente hoje (1935), depois das manifestações de brutalidade e de ignomínia inaudita da ‘cultura’ alemã dominada pelo hitlerismo alguns intelectuais se deram conta do quanto é frágil a civilização moderna” uma sociedade plena de “expressões contraditórias, mas necessárias em suas contradições”, que nasceu da “Revolução Francesa, do movimento de ideias conhecido como ‘filosofia clássica alemã’ e como ‘economia clássica inglesa’”.

‘economia clássica inglesa’”. Porém, a atividade de intelectuais como Sorel e Spengler, “enchem a vida cultural de gás asfíxiante e esterilizante” (Q. 28, p. 2326).<sup>4</sup>

Assim como Loria, Enrico Ferri, Lumbroso, Arturo Labriola e o próprio Turati podem ser considerados intelectuais lorianos. “Muitos documentos de ‘lorianismo’ em sentido amplo podem ser encontrados na *Critica*, na *Voce* e na *Unità* florentina” (Q. 28, p. 2326). Tem-se muitas teorias construídas sobre o “ossinho de Cuvier”: “generalizações arbitrárias e ‘bizarras’ são extremamente possíveis (e muito danosas para a vida prática)” (Q. 28, p. 2327).

Um problema maior quando alguns destes intelectuais são sindicalistas, como Paolo Orano, que deveria ser “representante de uma nova moral dos produtores modernos”; como sindicalista, depois de uma tragédia na mineradora, propõe aos operários abandonar as minas, ou seja, “nada menos que interromper e destruir toda a indústria metalúrgica e mecânica” (Q.28, p. 2327). E Gramsci continua a elencar os intelectuais que precisaria aprofundar, construindo uma verdadeira teoria sobre o “lorianismo”. Note-se que o Caderno 28 é de 1935, ano em que Gramsci já se encontrava muito doente, tanto que logo em seguida parou de escrever. Entretanto, este caderno se apresenta como uma verdadeira preciosidade e, se considerarmos os fragmentos sobre lorianismo esparsos nos demais cadernos, podemos inferir que Gramsci pretendia aprofundar este tema no âmbito de uma história dos intelectuais, projeto que ele abandonou por não ter condições de efetuar-lo no regime carcerário.

Gramsci refere-se ainda sobre a “utilidade” ou não de uma exposição sobre o lorianismo partindo da obra de Loria. Justifica-se pela “aparente ‘injustiça’ de colocar em relevo somente as manifestações extravagantes de seu talento” dizendo que este é um limite dos “autodidatas” que, pela “ausência de uma disciplina crítica e científica”, fantasiam sobre qualquer problema procurando as soluções mais fáceis. E acrescenta: “a melhor solução seria a escola”, ou seja, voltamos sempre a uma questão que perpassa os cadernos na sua articulação com a hegemonia - a questão da educação (Q. 28, p. 2331).

Finalmente, a “expressão limite teratológica da reação dos intelectuais de província as tendências ‘americanistas’ de racionalização da economia é aquela de G. Fanelli”, que valoriza a produção artesanal, própria de um determinado “caráter italiano”, ao mesmo

---

<sup>4</sup> Esta questão nos parece muito atual no Brasil e no mundo inteiro, onde o reacionarismo está avançando sem fortes bloqueios de uma cultura e de valores consolidados. São relações de força que fazem parte da luta hegemônica. Mas a liberdade de pensamento não significa o direito de dizer qualquer coisa, de impor uma opinião ou de exercer um ódio desenfreado.

tempo em que proclamava a ideia de uma nação armada, sem se dar conta da contradição lógica em que caía: “não se pode pensar em canhões e navios construídos por artesãos, ou na motorização com carros de bois”; um país artesão precisa se considerar “militarmente impotente em meio a Estados altamente industrializados”; trata-se de uma contradição que “demonstra que os grupos intelectuais que exprimiam este lorianismo na realidade, ignoravam não somente a lógica, mas a vida nacional, a política e tudo o mais”.

As ideias de Fanelli, assim como de outros lorianos, teve grande difusão e desembocaram no movimento fascista (Q. 28, p. 2335).

Para concluir

Muitos outros exemplos de lorianismo poderiam ser retomados tanto do Caderno 28 quanto de outros fragmentos escritos ao longo dos primeiros cadernos referindo-se tanto à produção literária quanto a científica, o que deixaremos para outra ocasião. A questão de fundo, que pretendemos acentuar é que, mesmo não tendo consciência clara das consequências políticas de seu trabalho intelectual, estes sujeitos não desempenham uma função inocente, ao contrário. Podem ser ingenuamente instrumentalizados a favor de interesses escusos, como Gramsci acentua no caso do reacionarismo.

Como um fato nacional de cultura que se generaliza na formação da concepção de mundo dominante, este tipo de produção intelectual afeta diretamente os movimentos dos trabalhadores desdobrando-se em formas de transformismo ou de reformismo, que diluem os conflitos sociais e desestruturam a luta de classes.

Cabe acentuar a importância atribuída por Gramsci à escola como formadora, a longo prazo, no sentido de construção lógica e rigor científico: a escola transmite os códigos de interpretação da realidade e pode, de quebra, mostrar as contradições, desde que não seja tolhida a liberdade de pensamento. A escola tem a função precípua de destruir o dogmatismo e, como Gramsci já escrevia em 1918, ainda sobre Loria, “a polêmica estrita e pessoal, ainda que exagerada, tem um valor educativo: destruir a idolatria, habituar a valorizar as coisas mais do que as palavras” e, principalmente, ensinar a “controlar tudo, tanto as palavras quanto os cientistas” (SG., p. 226). Uma escola de qualidade forma indivíduos autônomos e gera as condições de um pensamento livre.

Salientamos novamente que este tema é importante neste momento obscuro que estamos vivendo no país a partir da crise hegemônica e institucional que se instaurou com o

golpe de Estado, ainda sem alternativa possível, visto não se ter perspectiva de mudanças estruturais e a clareza de que a força dos movimentos sociais se constrói a longo prazo. Continuamos a afirmar a importância da educação em geral e da educação escolar em particular, como um dos meios de recuperar o tecido social que se desfaz tão rapidamente.

#### Referências

GRAMSCI, Antonio. *Cronache Torinesi (1913-1917)*, (a cura di Sergio Caprioglio), Torino: Einaudi Editore, 1980.

GRAMSCI, Antonio. *La Città Futura (1917-1918)*, (a cura di Sergio Caprioglio), Torino: Einaudi Editore, 1982.

GRAMSCI, Antonio. *Il nostro Marx (1918-1919)*. (a cura di Sergio Caprioglio) Torino: Einaudi Editore, 1982b.

GRAMSCI, Antonio. *Scritti Giovanili (1914-1918)*. Torino: Einaudi, 1975.

GRAMSCI, Antonio. *Sotto la Mole (1916-1920)*. Torino: Einaudi, 1975b.

GRAMSCI, Antonio. *L'Ordine Nuovo (1919-1920)*. Torino: Einaudi, 1975c.

GRAMSCI, Antonio. *Socialismo e Fascismo (L'Ordine Nuovo, 1921-1922)*, Torino: Einaudi Editore, 1978.

GRAMSCI, Antonio. *La Costruzione del Partito Comunista (1923-1926)*, Torino: Einaudi, 1978b.

GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del Carcere*. Torino: Einaudi, 1978 (4 v.)

*Recebido em 02 de maio de 2017*

*Aceito em 18 de junho de 2017*

*Editado em 28 de julho de 2017*